



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literatura

MARIA EDUARDA LAS-CASAS DE OLIVEIRA

**MULTIPLICIDADE POÉTICA EM FERNANDO PESSOA E ADÍLIA LOPES:
HETERONÍMIA E FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE**

BRASÍLIA, DF

2025

MARIA EDUARDA LAS-CASAS DE OLIVEIRA

**MULTIPLICIDADE POÉTICA EM FERNANDO PESSOA E ADÍLIA LOPES:
HETERONÍMIA E FRAGMENTAÇÃO DE IDENTIDADE**

Monografia em Literatura submetida ao
Instituto de Letras da Universidade de Brasília
- UnB como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Língua Portuguesa e
Sua Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Clara Magalhães
de Medeiros

BRASÍLIA, DF

2025

*Dedico este trabalho à ilustre e inigualável
Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira
(In Memoriam), que infelizmente deixou este
plano durante a construção desta monografia.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu irmão, por ter acreditado em mim, me apoiado e permanecido ao meu lado. Desde o dia em que fui abençoada com a sua companhia, eu nunca mais soube o que é ficar sozinha;

À minha madrinha, que tanto admiro, que nunca me deixou desamparada, que é a minha luz;

À minha Tia Cristina, também formada em Letras, que, definitivamente, é uma imensa inspiração;

À minha avó Ângela, que sempre me incentivou em absolutamente tudo. Obrigada por ter me presenteado com o meu primeiro caderno de poesias. Seu amor cura;

Ao meu Bisavô Octávio, que infelizmente partiu e além da saudade, deixou aqui seus livros do Saramago. Obrigada por zelar de mim com tanto carinho e me ensinar o que é o amor;

Agradeço aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, que tornaram o caminho mais leve e mais feliz, compartilhando muito além do conhecimento;

Agradeço à minha companheira de curso por toda a cumplicidade. Graças a um projeto de extensão, dividimos uma sala de aula e desde então ganhei uma parceira de vida. Não imagino como teria sido a graduação sem a sua companhia;

Um agradecimento à Lorena, grande amiga que o acaso universitário me trouxe. Amante dos animais, amante da natureza e, principalmente, amante da vida! Obrigada por me mostrar o significado de amizade. Sua sensibilidade, afeto e companheirismo fortalecem o que tenho de mais genuíno. Não há um ser vivo que não se cativa com a sua presença.

Agradeço à minha Orientadora, Prof^a. Dr^a. Ana Clara, por ser essa inspiração. Uma das almas mais cativantes que tive o privilégio de encontrar. Obrigada por me acolher e me guiar em um momento tão crucial;

Agradeço, mais que especialmente, à minha Bisavó Otília, uma educadora brilhante, a mulher mais sábia que já conheci, por desde pequena ter me ensinado o valor do estudo e que o conhecimento jamais será tirado de você.

“Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”

(Álvaro de Campos)

“Acabou o tempo das rupturas

Quero ser reparadora das brechas.”

(Adília Lopes)

RESUMO

Esta monografia analisa a multiplicidade poética em Fernando Pessoa e Adília Lopes, explorando a heteronímia e a fragmentação da identidade como estratégias literárias fundamentais em suas obras. Fernando Pessoa, por meio da criação de heterônimos, propõe uma descentralização do sujeito poético, construindo personalidades literárias autônomas com estilos e visões de mundo distintas. Adília Lopes, por sua vez, subverte as convenções líricas ao integrar elementos da cultura popular, da ironia e da intertextualidade, desconstruindo a noção de um “eu” coeso. A pesquisa investiga as convergências e divergências entre esses dois autores, considerando suas abordagens sobre identidade, autoria e subjetividade. Além disso, destaca-se a contribuição de Adília Lopes para a literatura contemporânea, especialmente no que diz respeito à ampliação do espaço feminino na poesia. A partir de uma análise comparativa e fundamentada em estudos de crítica literária dialógica, este trabalho busca compreender como ambos os poetas questionam as fronteiras entre realidade e ficção, unidade e dispersão, promovendo novas formas de representação do sujeito na literatura.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Fernando Pessoa; Adília Lopes; Literatura Comparada; Multiplicidade.

ABSTRACT

This monograph analyzes the poetic multiplicity in Fernando Pessoa and Adília Lopes, exploring heteronymy and identity fragmentation as fundamental literary strategies in their works. Fernando Pessoa, through the creation of heteronyms, proposes a decentralization of the poetic subject, constructing autonomous literary personalities with distinct styles and worldviews. Adília Lopes, in turn, subverts lyrical conventions by integrating elements of popular culture, irony, and intertextuality, deconstructing the notion of a cohesive “self.” This research investigates the convergences and divergences between these two authors, considering their approaches to identity, authorship, and subjectivity. Furthermore, it highlights Adília Lopes’s contribution to contemporary literature, particularly regarding the expansion of female representation in poetry. Through a comparative analysis based on dialogic literary criticism, this study aims to understand how both poets challenge the boundaries between reality and fiction, unity and dispersion, promoting new forms of subject representation in literature.

Keywords: Portuguese Literature; Fernando Pessoa; Adília Lopes; Comparative Literature; Multiplicity.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	9
METODOLOGIA	10
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - IDENTIDADE E MULTIPLICIDADE POÉTICA	11
1.1 Conceitos de Identidade Literária.....	11
1.2 Contextualização Literária e Filosófica.....	12
1.3 A Heteronímia como Estratégia de Fragmentação	13
1.4 Fragmentação de Identidade na Poesia Contemporânea	15
CAPÍTULO 2: MULTIPLICIDADE POÉTICA EM FERNANDO PESSOA E ADÍLIA LOPES.....	18
2.1 A Heteronímia Pessoaana e a Multiplicidade de Vozes.....	18
2.2 A Multiplicidade em Adília Lopes: Fragmentação e Ironia	20
2.3 Comparando Estratégias Poéticas.....	21
2.4 A multiplicidade como resposta ao contexto histórico.....	22
CAPÍTULO 3: ADÍLIA LOPES E A FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE: A DESCONSTRUÇÃO DO EU POÉTICO	23
3.1. A poesia de Adília Lopes no contexto contemporâneo	23
3.2. A fragmentação do sujeito e a desconstrução da autoria.....	23
3.3. Estratégias Poéticas de Fragmentação	25
CAPÍTULO 4: COMPARAÇÃO CRÍTICA: HETERONÍMIA E FRAGMENTAÇÃO DE IDENTIDADE	28
4.1. Comparação dos Conceitos de Identidade nos Dois Autores	28
4.2. Temáticas Comuns e Abordagens Divergentes	29
4.3. Implicações Literárias e Filosóficas da Multiplicidade Poética	30
4.3.1 A Crise da Identidade Moderna: Pessoa e Adília Lopes diante da Fluidez Identitária	30

CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo dos séculos, tem sido um espaço privilegiado para a exploração da identidade e de suas múltiplas manifestações. Entre os diversos autores que abordaram essa temática, Fernando Pessoa e Adília Lopes destacam-se por suas abordagens singulares acerca da construção e desconstrução do sujeito poético. Pessoa, por meio da heteronímia, expandiu os limites da identidade literária ao criar personalidades autônomas, cada uma com sua própria visão de mundo e estilo. Adília Lopes, por sua vez, subverte a noção de um eu coeso, explorando a fragmentação do sujeito e a dissolução da identidade na contemporaneidade.

Diante deste panorama, a presente monografia tem como objetivo analisar a multiplicidade poética em Fernando Pessoa e Adília Lopes, investigando a heteronímia e a fragmentação da identidade como estratégias literárias. A proposta é compreender como cada autor trabalha a questão identitária em suas respectivas poéticas e quais as implicações dessa abordagem para a literatura.

Para isso, será realizada uma análise comparativa entre os dois escritores, buscando identificar pontos de convergência e divergência em suas produções. No primeiro capítulo, será apresentada a concepção da heteronímia em Fernando Pessoa, com base em estudos de autores como Richard Zenith e Fernando Cabral Martins. No segundo capítulo, será abordada a fragmentação da identidade na poesia de Adília Lopes, considerando a influência da intertextualidade, do humor e da ironia em sua escrita. O terceiro capítulo tratará da desconstrução do eu poético em Adília Lopes, explorando as estratégias utilizadas para dissolver a noção de subjetividade na literatura contemporânea. Por fim, no quarto capítulo, será feita uma comparação crítica entre os dois autores, destacando as implicações literárias da multiplicidade poética.

Ao examinar essas questões, esta pesquisa busca contribuir para um entendimento mais aprofundado das formas de representação do “eu” na literatura portuguesa, evidenciando como Fernando Pessoa e Adília Lopes questionam as concepções tradicionais de autoria e subjetividade. Assim, espera-se que esta monografia amplie o debate sobre a identidade na literatura e reforce a relevância desses dois escritores no cenário literário contemporâneo.

METODOLOGIA

A presente monografia adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, uma vez que busca analisar a produção literária de Fernando Pessoa e Adília Lopes sob a perspectiva da multiplicidade poética, enfatizando a heteronímia e a fragmentação da identidade. Para tanto, será realizada uma análise comparativa entre os dois autores, considerando o contexto histórico e literário de suas obras, bem como os principais conceitos teóricos que fundamentam a discussão sobre identidade e autoria na literatura.

O estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica, utilizando-se textos críticos, estudos acadêmicos e obras de referência sobre os dois poetas. Serão apontadas contribuições de estudiosos como Richard Zenith, Leyla Perrone-Moisés e Fernando Cabral Martins para a compreensão da heteronímia pessoana, além de críticos como Célia Pedrosa e Rosa Maria Martelo para a análise da poesia de Adília Lopes. Ademais, conceitos advindos da teoria literária e filosófica, bem como as discussões sobre autoria em Roland Barthes, Mikhail Bakhtin e Michel Foucault serão utilizados para embasar a análise.

A pesquisa organiza-se em quatro etapas principais: (i) levantamento bibliográfico e seleção das obras e artigos críticos relevantes; (ii) leitura e fichamento dos materiais selecionados, com identificação das principais ideias e argumentações sobre a identidade poética e a fragmentação do sujeito; (iii) análise comparativa dos aspectos temáticos e estruturais presentes na obra dos dois autores, buscando pontos de convergência e divergência; e (iv) sistematização das conclusões, evidenciando as implicações literárias e filosóficas da multiplicidade poética em Fernando Pessoa e Adília Lopes.

Esta metodologia possibilita um estudo aprofundado e fundamentado das questões propostas, permitindo compreender como a heteronímia e a fragmentação da identidade se configuram enquanto estratégias literárias nos dois autores e quais suas repercussões no debate contemporâneo sobre autoria e subjetividade.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - IDENTIDADE E MULTIPLICIDADE POÉTICA

A literatura tem se constituído historicamente como um território privilegiado para questionar, reconfigurar e transgredir noções de identidade. Na obra de Fernando Pessoa e Adília Lopes, dois nomes que, à primeira vista, pertencem a contextos literários e históricos distintos, identificamos uma abordagem inovadora e complexa da subjetividade. Este capítulo analisa as bases teóricas que sustentam a multiplicidade poética, com foco na heteronímia e na fragmentação da identidade, discutindo como esses conceitos operam em suas respectivas produções literárias.

1.1 Conceitos de Identidade Literária

Identidade, no campo literário, transcende a ideia de um sujeito fixo e coeso. Conforme Hall (1992), a identidade não é estática, mas sim um processo contínuo de construção, refletindo mudanças históricas, sociais e culturais. Quando no campo da literatura, essa noção permite a criação de obras que desafiam a ideia de um “eu” único e reconhecível, abrindo espaço para múltiplas vozes e perspectivas.

Fernando Pessoa leva essa premissa ao extremo. Sua famosa declaração de que “o poeta é um fingidor” (PESSOA, 1932) encapsula a ideia de que a poesia é um artifício em que o sujeito lírico se desdobra em diversas *personas*. Ao criar heterônimos como Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, Pessoa separou-se de si, explorando outras atmosferas, aspectos poéticos, inovando de maneira imortal a literatura portuguesa.

Adília Lopes, por sua vez, já na segunda metade do século XX, atua em um território poético que desafia convenções líricas tradicionais, frequentemente utilizando a ironia, o humor e o absurdo como estratégias para explorar o “eu” fragmentado. Em sua obra, encontramos uma identidade que não busca coesão, mas que se regozija na multiplicidade. Adília desmonta as estruturas tradicionais da lírica para evidenciar como o sujeito contemporâneo é atravessado por fluxos fragmentários de experiência e cultura.

Judith Butler fornece um referencial teórico importante para compreender essa dinâmica. A noção de identidade como performativa sugere que o “eu” é continuamente construído por atos repetitivos e normativos. Tanto em Pessoa quanto em Lopes, a performance

da identidade literária subverte essas normas, criando personagens e vozes que existem em constante transformação.

1.2 Contextualização Literária e Filosófica

O Primeiro Modernismo Português (1915-1935), no qual Fernando Pessoa desempenha um papel central, surge como uma resposta à necessidade de renovação estética e busca por uma identidade nacional no início do século XX. Essa corrente se consolidou com a publicação da revista *Orpheu* em 1915, marco que apresentou a Portugal as vanguardas europeias, como o futurismo e o simbolismo, através de autores como Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. A poesia de Pessoa, em particular, reflete a multiplicidade de vozes e perspectivas que caracterizam o modernismo, usando a heteronímia como um recurso único para explorar a complexidade do ser humano. Esse movimento, embora enraizado no contexto português, também dialoga com as tendências literárias internacionais, evidenciando a universalidade de suas preocupações estéticas e existenciais.

Já nas décadas de 1980 e 1990, o pós-modernismo transformou o cenário literário em Portugal, marcando o contexto da poesia de Adília Lopes. Esse período foi caracterizado pela desconstrução de narrativas universais e pela celebração da fragmentação, o que permitiu um novo olhar sobre a subjetividade e a linguagem. A obra de Adília Lopes reflete essas influências, utilizando ironia e elementos do cotidiano para questionar valores estabelecidos e desmistificar discursos hegemônicos. Sua poesia incorpora elementos da cultura popular, combinando-os com uma visão crítica e híbrida do mundo contemporâneo, consolidando-a como uma figura chave do pós-modernismo português.

A heteronímia de Fernando Pessoa está profundamente enraizada nos debates filosóficos da modernidade. O conceito de “eterno retorno”, desenvolvido por Nietzsche (*Assim falou Zaratustra*, 1885), a crise da subjetividade proposta por Freud (*O mal-estar na civilização*, 1930) e as reflexões sobre linguagem de Wittgenstein (*Tractatus Logico-Philosophicus*, 1921) dialogam com a fragmentação identitária proposta por Pessoa. Seus heterônimos representam uma multiplicidade existencial, refletindo um sujeito que não é uno, mas antes uma constelação de personalidades que coexistem e interagem. Esse modelo literário e filosófico reflete a fragmentação do sujeito moderno, evidenciando um desconforto com as narrativas uníssonas e um desejo de explorar a pluralidade do eu, assim como é notável em Perrone-Moisés (1982),

no capítulo “*Pessoa ninguém?*”. Nessa análise, a autora discute como a heteronímia pessoana não reflete apenas a fragmentação do sujeito moderno, mas radicaliza essa crise ao ponto de dissolver qualquer identidade fixa, transformando o poeta em uma construção fluida e indefinida, marcada pelo vazio e pela ausência de um centro.

Adília Lopes insere-se no contexto pós-moderno, já na segunda metade do século XX e no XXI, quando as grandes narrativas entram em colapso, conforme descrito por Lyotard (*A condição pós-moderna*, 1979). Sua poesia explora a identidade como um campo em constante construção, enfatizando a fluidez e a incerteza do eu contemporâneo. A ironia e o hibridismo cultural são características marcantes de sua obra, que muitas vezes combina elementos confessionais com referências *pop* e literárias. Essa abordagem reforça a ideia de que a subjetividade é uma construção fragmentária e mutável, sintonizada com o pensamento pós-moderno.

Fernando Pessoa extrapola o contexto português, estabelecendo um diálogo fecundo com autores internacionais. Sua obra reflete influências de Walt Whitman (1819-1982), especialmente na concepção de uma individualidade múltipla e expansiva, e de William Blake (1757-1827), cuja visão espiritual fragmentada ecoa na divisão heteronímica de Pessoa. Além disso, Pessoa estabelece conexões com outros modernistas, criando uma ponte entre a tradição literária portuguesa e o movimento modernista internacional.

Adília Lopes, por outro lado, dialoga com influências contemporâneas, como Sylvia Plath (1932-1963) e Anne Sexton (1928-1974), cujas obras confessionais e introspectivas ecoam em sua poesia. Adília também explora a interseção entre as tradições literárias clássicas e a cultura popular, criando uma obra que é ao mesmo tempo profundamente pessoal e universal. Sua poesia não só celebra a fragmentação pós-moderna, mas também reinventa os diálogos entre as culturas locais e globais, consolidando-a como uma voz singular na literatura portuguesa contemporânea.

1.3 A Heteronímia como Estratégia de Fragmentação

Fernando Pessoa teve uma vida marcada por experiências que moldaram sua visão cosmopolita e sua reflexão obsessiva sobre a identidade. Nascido em Lisboa, em 1888, ele passou grande parte de sua infância e juventude na África do Sul, onde recebeu uma educação inglesa. Essa formação bilíngue não apenas influenciou sua escrita, mas também lhe

proporcionou uma perspectiva multicultural que permeia toda a sua obra. Ao retornar a Portugal (1905), Pessoa mergulhou no ambiente intelectual lisboeta, onde se tornou uma figura central do modernismo português. Suas experiências de deslocamento e o contato com diferentes culturas são aspectos cruciais para entender a complexidade de sua produção literária.

A heteronímia pessoana é um fenômeno literário único e amplamente debatido. Mais do que pseudônimos, os heterônimos de Pessoa são sujeitos completos, dotados de biografias, personalidades e estilos literários distintos. Richard Zenith (2008) aborda que a heteronímia é uma “encenação do múltiplo”, em que cada heterônimo funciona como uma extensão das inquietações filosóficas e artísticas de Pessoa. A heteronímia de Pessoa é uma de suas contribuições mais originais à literatura mundial. Esse fenômeno não foi um acaso, mas um processo deliberado que o escritor desenvolveu ao longo de sua vida. No *Livro do Desassossego* (PESSOA, 1982) atribuído também ao semi-heterônimo Bernardo Soares, e em outros escritos, Pessoa explicita sua intenção de fragmentar o “eu” em múltiplas personalidades, cada uma com sua própria visão de mundo, estilo literário e filosofia. Seus principais heterônimos — Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis — exemplificam essa diversidade, incorporando influências de movimentos como o Simbolismo e o Futurismo. Por meio da heteronímia, Pessoa não apenas questiona a unidade do sujeito, mas também amplia os limites da literatura, explorando a relação entre arte e identidade. Por exemplo, Alberto Caeiro é apresentado como um “mestre” que rejeita a metafísica em favor de uma observação direta e objetiva do mundo. Seus poemas refletem uma “filosofia da simplicidade”, alinhada com a fenomenologia, ao passo que Ricardo Reis se inclina para o classicismo e para a ideia de viver de forma estoica. Álvaro de Campos, em contraste, é o poeta da modernidade, celebrando o progresso tecnológico enquanto expressa uma profunda melancolia existencial.

A heteronímia não é apenas uma estratégia estética; ela reflete o dilema existencial da modernidade, descrito por Bauman (2000) como uma “modernidade líquida”, em que as identidades se tornam fluidas e mutáveis. Pessoa antecipa essa condição criando múltiplas vozes que dialogam entre si, mas que também questionam a própria unidade do sujeito. A obra de pessoana é profundamente marcada pelas tensões da modernidade. Em poemas como *Ode Triunfal*, assinada pelo seu heterônimo Álvaro de Campos, o eu poético celebra o progresso tecnológico ao mesmo tempo em que reflete sobre a alienação individual e a perda da espiritualidade. Essa ambivalência é característica de sua poesia, que articula as contradições

de um mundo em transformação. Pessoa capta a essência de uma época marcada por avanços materiais e crises existenciais, utilizando sua fragmentação heteronímica para dar voz às múltiplas dimensões da experiência moderna.

Adília Lopes, por seu turno, não adota a heteronímia, mas sua obra compartilha do mesmo espírito de multiplicidade. Em vez de criar novas identidades, Adília desconstrói o sujeito lírico em uma colagem de vozes, intertextos e registros culturais. Para Perrone-Moisés (1998), a poesia contemporânea frequentemente refuta noções clássicas de coerência e autenticidade, expondo a fragmentação do eu como um traço fundamental da escrita moderna. Lopes radicaliza essa tendência ao desmontar a unidade do sujeito lírico, transformando a própria linguagem em um espaço de descontinuidade e deslocamento.

1.4 Fragmentação de Identidade na Poesia Contemporânea

A fragmentação da identidade é um tema central na literatura contemporânea, refletindo mudanças socioculturais e o impacto do pós-modernismo. Lyotard (1979) descreve a condição pós-moderna como uma ruptura com os grandes relatos da modernidade, resultando em um sujeito disperso, atravessado por múltiplas narrativas e discursos.

Adília Lopes, nascida como Maria José da Silva Viana Lopes em 1960, é uma das vozes mais singulares da poesia contemporânea portuguesa. Sua trajetória acadêmica inclui estudos em Química, mas foi na literatura que encontrou sua verdadeira expressão. Sua poesia reflete influências de autores clássicos e modernos, como Fernando Pessoa, Sylvia Plath e Anne Sexton, além de uma profunda interação com a cultura popular e a tradição literária portuguesa. A obra de Adília Lopes está intimamente ligada ao contexto histórico e cultural de Portugal, especialmente às transformações políticas e sociais que se seguiram à Revolução dos Cravos, em 1974. O período pós-revolucionário trouxe a consolidação da democracia e um ambiente de maior liberdade de expressão, que permitiu a experimentação artística e a emergência de vozes literárias inovadoras. Adília Lopes aproveitou essa abertura cultural para explorar temas como o cotidiano, a feminilidade e a marginalização, rompendo com convenções e redefinindo os limites da poesia.

Na obra de Lopes, essa fragmentação é evidente na intertextualidade e na inclusão de elementos aparentemente banais, como listas de supermercado, canções populares e referências à cultura de massa. Poemas como “O Poema não é um Relatório” (*Mulher-a-dias*, 2002) exemplificam essa abordagem, misturando alta cultura e trivialidades de forma deliberada. Hutcheon (1991) aponta que essa estética é uma marca do pós-modernismo, que rejeita hierarquias e celebra a pluralidade.

A poesia de Adília Lopes é caracterizada por uma forte intertextualidade, que mistura referências a obras clássicas e contemporâneas com elementos do cotidiano. Essa combinação é evidente em poemas, como em sua série de crônicas intitulada *As Crônicas da Vaca Fria* (2001), em que a eu-poética dialoga com a obra do poeta alemão Rainer Maria Rilke (1875-1926) enquanto insere detalhes banais que desmistificam a solenidade poética. O poema “Ovos estrelados” (2001) ilustra essa intertextualidade, pois Lopes menciona diretamente o autor: “Falo de ovos estrelados, coisa caricata, suja, sublunar, como as maminhas e o cão animal que ladra. Não falo de Anjos, de Rilke, da Constelação do Cão.”

Há uma clara referência às *Elegias de Duino* (RILKE, 1923), em que os anjos são figuras sublimes e perturbadoras, símbolos da grandiosidade e do desconhecido. Adília Lopes, no entanto, rebaixa essa solenidade ao cotidiano, desmistificando a imagem rilkeana e aproximando-a do trivial. Esse contraste entre a alta literatura e a simplicidade coloquial é uma marca essencial de sua poética.

Outro elemento marcante é o uso de ironia e desconstrução, que subvertem expectativas ao integrar humor, sarcasmo e introspecção. A ironia de Adília frequentemente serve como uma ferramenta para criticar normas sociais e literárias, alinhando sua obra aos princípios do pós-modernismo. Em poemas como “Op-Art” (*Clube da Poetisa Morta*, 1997) e “O Marquês de Chamilly a Marianna Alcoforado” (*O Marquês de Chamilly Kabale und Liebe*, 1987), a autora utiliza humor e sarcasmo para questionar noções de autoria e identidade, destacando a fluidez e a multiplicidade do sujeito:

6

Nasci em Portugal
não me chamo Adília

7

Sou uma personagem
de ficção científica

escrevo para me casar.

(LOPES. 1997, p.58)

Sua poesia também rompe com a tradição ao desconstruir gêneros e linguagens tradicionais. Adília explora temas como a feminilidade, o cotidiano e a marginalização de forma original, dando voz a experiências frequentemente ignoradas ou subestimadas pela tradição literária. Essa ruptura é acompanhada de uma linguagem acessível e de uma estrutura muitas vezes fragmentada, que reflete a complexidade e a incerteza do mundo contemporâneo.

A recepção da obra de Adília Lopes passou por um desenvolvimento significativo. Inicialmente vista como excêntrica, sua poesia conquistou progressivamente um lugar central no panorama literário português. Críticos como Célia Pedrosa (2007) destacam sua originalidade, enfatizando como a autora mistura referências eruditas e populares, desafiando as fronteiras entre o eu biográfico e o eu-lírico. Essa análise ressalta sua capacidade de renovar a poesia contemporânea com humor, sensibilidade e um olhar crítico sobre a realidade.

No artigo “De Espelhos e Demônios: A poesia de Adília Lopes e o Imaginário Europeu”, publicado na revista *Portuguese Cultural Studies* (2009), a crítica literária Célia Pedrosa também aborda a subjetividade, a construção e a importância do papel construído por Lopes. Esses aspectos garantiram a Adília Lopes um lugar de destaque na literatura portuguesa contemporânea, consolidando-a como uma das poetisas mais inovadoras de sua geração.

Em Fernando Pessoa, a fragmentação é mais estruturada e metódica, mas inquestionavelmente inovadora. Cada heterônimo representa uma tentativa de capturar uma dimensão específica da experiência humana, revelando as complexidades da subjetividade. A coexistência desses heterônimos dentro de um mesmo autor reflete um paradoxo essencial da modernidade: a busca por unidade em um mundo intrinsecamente fragmentado.

CAPÍTULO 2: MULTIPLICIDADE POÉTICA EM FERNANDO PESSOA E ADÍLIA LOPES

A produção literária de Fernando Pessoa e Adília Lopes manifesta, cada um à sua maneira, a multiplicidade poética como um mecanismo para explorar as contradições e fragmentações da identidade. Enquanto Pessoa formaliza essa multiplicidade por meio da criação de heterônimos, Adília Lopes utiliza o verso livre e a bricolagem textual como formas de dismantelar noções tradicionais de sujeito lírico. Este capítulo discute como esses autores exploram a multiplicidade em suas obras, situando-as no contexto histórico-literário e examinando as suas singularidades estilísticas.

2.1 A Heteronímia Pessoaana e a Multiplicidade de Vozes

A heteronímia em Fernando Pessoa pode ser lida à luz de questões filosóficas que marcaram o pensamento moderno, como a desconstrução da unidade do sujeito. Nietzsche, (1886), com sua crítica à metafísica ocidental e à ideia de um “eu” essencial, propõe a multiplicidade como uma característica inerente à existência. Essa visão encontra eco em Pessoa, que desdobra sua subjetividade em múltiplas vozes para expressar a complexidade do ser. Freud (1923), por sua vez, com sua teoria do inconsciente, sugere que o “eu” não é único, mas fragmentado em instâncias psíquicas. Pessoa traduz essas ideias para o campo literário ao dramatizar diferentes aspectos de si mesmo através dos heterônimos, criando um mosaico de personalidades literárias.

A obra de Fernando Pessoa é um marco na literatura universal por sua inovação técnica e filosófica, especialmente na criação da heteronímia. Paz (1965), em seu livro *Signos em Rotação*, no capítulo “O Desconhecido de Si Mesmo - Fernando Pessoa” contextualiza a heteronímia:

Os heterônimos não são antefaces literárias: “O que Fernando Pessoa escreve pertence a suas categorias de obras, que poderíamos chamar ortônimas e heterônimas. Não se pode dizer que são anônimas ou pseudônimas porque de fato não o são. A obra pseudônima é do autor em sua pessoa, exceto que a firma com outro nome; a heterônima é do autor fora de sua pessoa...”

(PAZ, 1965, p. 208)

Pessoa não apenas cria vozes distintas, mas confere a cada heterônimo uma biografia, um estilo literário e até traços físicos. Alberto Caeiro é descrito como um poeta camponês de saúde frágil; Ricardo Reis, como um médico educado em princípios clássicos; e Álvaro de Campos, como um engenheiro naval que reflete as angústias da modernidade. Além disso, Pessoa desenvolve estilos caligráficos diferentes para cada um, reforçando a ilusão de autoria independente. Essa atenção aos detalhes transforma os heterônimos em entidades autônomas, expandindo os limites da literatura e questionando o papel do autor. Uma das características mais fascinantes da heteronímia pessoana é o diálogo que ocorre entre os heterônimos e o ortônimo. Alberto Caeiro, por exemplo, é frequentemente citado por Álvaro de Campos e Ricardo Reis como uma figura central, quase um mentor espiritual. Campos elogia a simplicidade de Caeiro, enquanto Reis rejeita sua recusa da metafísica, destacando a tensão entre diferentes visões do mundo. Esse diálogo interno não só enriquece o universo literário de Pessoa, mas também desafia o leitor a interpretar a obra como uma grande polifonia, onde as vozes se complementam e se contradizem, refletindo a complexidade do pensamento humano.

Cada heterônimo pessoano é, por si só, uma obra completa. Alberto Caeiro, frequentemente referido como o “mestre” entre os heterônimos, representa uma visão do mundo que nega a metafísica e celebra a experiência sensorial pura. No poema “Universo” (*O guardador de rebanhos*, 1925), Caeiro escreve: “Sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura”. Essa visão contrasta diretamente com Ricardo Reis, cuja poesia é marcada pelo estoicismo e pelo classicismo. Em *Odes de Ricardo Reis* (1932) como em “Vive sem horas”, Reis evoca o *carpe diem* como uma resposta filosófica à inevitabilidade da morte. Álvaro de Campos, por outro lado, encarna o excesso e a angústia da modernidade. No poema *Tabacaria* (1933), Campos reflete sobre a banalidade da vida cotidiana e o vazio existencial: “Fiz de mim o que não soube, e o que podia fazer de mim não o fiz.” Essas três vozes não são meras extensões do poeta; elas personificam diferentes perspectivas filosóficas e estilos literários, compondo um mosaico que questiona a noção de autoria e identidade fixa. Como apontam (CABRAL e ZENITH, 2015), a heteronímia é uma forma de “reduplicação da consciência”, permitindo que Pessoa explore ideias conflitantes sem reconciliá-las.

A complexidade da obra pessoana não foi imediatamente compreendida. Durante a vida do poeta, sua heteronímia foi vista como uma curiosidade ou até uma excentricidade, com poucos críticos entendendo plenamente a profundidade dessa estratégia literária. Somente após

sua morte, com a publicação de seus textos em maior escala, a heteronímia começou a ser reconhecida como uma das maiores inovações da literatura moderna.

2.2 A Multiplicidade em Adília Lopes: Fragmentação e Ironia

Adília Lopes emerge como uma figura que desafia o cânone literário tradicional, propondo uma poesia que integra o elevado e o banal. Em seus textos, referências à alta cultura convivem com elementos do cotidiano, como receitas de bolo ou programas de televisão. Essa abordagem desestrutura a hierarquia literária, colocando temas aparentemente triviais no mesmo patamar das grandes questões filosóficas e existenciais.

A autora adota uma abordagem diferente, mas igualmente inovadora para experimentar a multiplicidade poética. Em vez de criar autores fictícios distintos, ela incorpora uma pluralidade de vozes e referências em sua poesia, desconstruindo a ideia de um “eu” lírico coeso, criando uma colagem textual que reflete a fragmentação do sujeito contemporâneo.

A ironia é um dos pilares da poética de Adília Lopes. Ela desconstrói discursos sérios ao inserir comentários prosaicos ou humorísticos, criando um efeito de distanciamento que convida o leitor a questionar o próprio ato de leitura. Essa estratégia também desmonta hierarquias de poder, subvertendo expectativas sobre a poesia como algo necessariamente sublime ou elevado.

Adília Lopes utiliza uma intertextualidade radical, apropriando-se de textos clássicos e modernos para criar novos significados. Por exemplo, ela dialoga com autores como Emily Dickinson, Luís de Camões e Fernando Pessoa, mas sua releitura é sempre crítica e pessoal, muitas vezes impregnada de humor ou melancolia. Essa bricolagem literária faz de sua obra um espaço de constante reinterpretação, onde o passado literário é reconfigurado à luz do presente.

Em *A Mulher-a-Dias*, (2002), por exemplo, ela narra, em forma poética, a rotina de uma trabalhadora doméstica de forma poética, mas também irônica, subvertendo as expectativas sobre o que pode ser considerado matéria literária.

Na poesia de Adília Lopes, o “eu” poético é construído como uma performance, um sujeito que se refaz a cada poema. Esse “eu” não é fixo nem unificado; pelo contrário, ele se dissolve e se recompõe continuamente, refletindo as tensões entre identidade e alteridade.

2.3 Comparando Estratégias Poéticas

Embora Pessoa e Adília adotem abordagens distintas, ambos compartilham uma preocupação com a multiplicidade e a fragmentação do sujeito. A heteronímia pessoana é uma construção meticulosa, onde cada voz possui uma identidade própria e distinta. Já em Adília Lopes, a multiplicidade emerge de uma recusa em hierarquizar discursos, resultando em uma poética que abraça o caos e a contingência.

Enquanto Pessoa organiza suas múltiplas vozes em sistemas (os heterônimos), Adília Lopes abraça o caos e a fluidez, misturando vozes sem buscar distinções claras. Essa diferença reflete não apenas escolhas estéticas, mas também contextos históricos distintos: o Modernismo de Pessoa buscava uma nova ordem para substituir o passado, enquanto o Pós-Modernismo de Adília celebra a desconstrução.

Um ponto de convergência importante entre os dois autores é o uso de ironia. Pessoa utiliza a ironia para questionar suas próprias criações, como no poema “*Autopsicografia*” (1935), em que desmistifica o processo criativo:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

Adília Lopes, por sua vez, usa a ironia para subverter expectativas literárias e culturais. Em “*A Poetisa*” (*Le vitrail la nuit* A árvore cortada*, 2006), ela declara:

A poetisa
Não é uma fingidora
Mas a linguagem-máscara
Mascara.

Fernando Pessoa escreve em um período de transição cultural, marcado pela busca de uma identidade nacional e pela modernização de Portugal. Adília Lopes, por outro lado, escreve em um contexto pós-moderno, quando as grandes narrativas dão lugar à fragmentação e à pluralidade. Essas diferenças moldam suas abordagens da multiplicidade, que, embora convergentes em alguns aspectos, têm raízes distintas. Essa abordagem desafia a ideia de que a poesia precisa ser sublime ou profunda, enfatizando sua conexão com o banal e o cotidiano.

Ambos os autores desafiam o leitor a participar ativamente da construção de sentido. Em Pessoa, isso ocorre na interpretação dos heterônimos, que exigem do leitor uma compreensão de suas diferenças e diálogos. Em Adília Lopes, o leitor precisa costurar as referências intertextuais e as nuances irônicas para captar a multiplicidade de significados.

A multiplicidade em Pessoa e Adília Lopes pode ser vista como uma forma de resistência cultural. Pessoa fragmenta o sujeito para escapar das limitações de uma identidade única e nacionalista. Adília, por sua vez, utiliza a fragmentação para criticar a homogeneização da cultura contemporânea, criando uma poesia que resiste à superficialidade do consumo cultural.

2.4 A multiplicidade como resposta ao contexto histórico

O contexto histórico-literário desempenha um papel crucial na multiplicidade poética de Pessoa e Adília Lopes. Pessoa, escrevendo em um período marcado pelo simbolismo, modernismo e pelas inquietações do início do século XX, utiliza a heteronímia como uma forma de dar voz às tensões e contradições de sua época. Adília Lopes, por outro lado, escreve em um contexto pós-moderno, já no final do século XX e princípios do XXI.

O Modernismo de Pessoa está intrinsecamente ligado a sua heteronímia, que representa uma ruptura com o passado literário e uma busca por novas formas de expressão. Essa multiplicidade reflete a inquietação de um período marcado por profundas mudanças sociais e culturais.

Jameson (1997, p.29) descreve o pós-modernismo como uma “lógica cultural do capitalismo tardio”, caracterizada pela perda de grandes narrativas e pela proliferação de fragmentos culturais. A obra de Adília reflete essa condição, celebrando a multiplicidade e a indeterminação como características essenciais da poesia contemporânea.

Adília Lopes é uma figura emblemática da poesia pós-moderna, caracterizada pela desconstrução de estruturas e pelo hibridismo cultural. Sua obra incorpora elementos da cultura popular, desconstruindo as fronteiras entre o erudito e o popular, o sério e o trivial.

CAPÍTULO 3: ADÍLIA LOPES E A FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE: A DESCONSTRUÇÃO DO EU POÉTICO

A poesia de Adília Lopes se caracteriza pela fragmentação da identidade, refletindo a desconstrução do eu poético. Através de uma linguagem marcada pela oralidade, minimalismo e ironia, a autora questiona a ideia de um sujeito coeso e estável, explorando a fluidez e as contradições da identidade. Este capítulo analisa como Lopes utiliza essas estratégias poéticas para revelar a multiplicidade do eu e a crise da identidade na contemporaneidade, oferecendo uma visão crítica e desafiadora do ser.

3.1. A poesia de Adília Lopes no contexto contemporâneo

Adília Lopes insere-se na tradição da poesia contemporânea, caracterizada por uma escrita fragmentária, autoficcional e marcada pela intertextualidade. Sua obra reflete uma consciência metalinguística e uma ironia que dialoga com o minimalismo e a oralidade.

A crítica literária contemporânea tem analisado a poesia de Adília Lopes em relação à fragmentação do sujeito e à desconstrução da identidade. Leyla Perrone-Moisés, em sua obra *Altas Literaturas* (2008), explora como a literatura contemporânea se distancia das estruturas tradicionais e questiona a unidade do eu-lírico. A autora investiga a maneira como os poetas contemporâneos desconstroem a identidade e exploram a multiplicidade de vozes e subjetividades, destacando a fluidez do sujeito na poesia moderna. Esse estudo é fundamental para compreender a complexa poética de Adília Lopes, marcada pela fragmentação e pela reinvenção do eu na sua escrita.

A influência do feminismo na construção do eu poético também merece destaque, especialmente na forma como a autora subverte a tradicional voz feminina na literatura, criando uma identidade oscilante e permeada por um olhar crítico sobre a normatividade social, desafiando e questionando o sistema patriarcal.

3.2. A fragmentação do sujeito e a desconstrução da autoria

A poesia de Adília Lopes constroi-se sobre a dissolução do sujeito e a desconstrução da autoria, aproximando-se das teorias de Roland Barthes (*A Morte do Autor*, 1988) e Michel Foucault (*O que é um Autor?*, 1969). Em sua obra, a voz poética não se apresenta como uma

identidade fixa, mas como um mosaico de fragmentos e referências, desafiando a noção tradicional de autoria.

A intertextualidade é um elemento essencial em sua produção. Rosa Maria Martelo (*As armas desarmantes de Adília Lopes*, 2010) discute como sua escrita subverte as expectativas do eu-lírico clássico. Para exemplificar a intertextualidade presente na obra de Adília, observaremos abaixo dois poemas em que o trabalho da autora se conecta ao de Fernando Pessoa:

Escreve poemas, pequena
 escreve poemas
 e come chocolates
 e que os poemas sejam como chocolates
 "olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates"
 Fernando Pessoa
 (LOPES, 2018, p.154)

(...)Come chocolates, pequena;
 Come chocolates!
 Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
 Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
 Come, pequena suja, come!
 Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
 Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
 Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida (...)
 (PESSOA, 1928, p.252)

O poema de Adília Lopes estabelece um diálogo interessante com a poesia de Álvaro de Campos, especialmente com o célebre trecho de *Tabacaria*, onde o eu-lírico diz: "Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates". Esse verso, com seu tom de desilusão e ironia, reflete a visão de Campos sobre a vida e a existência, apresentando o trivial — no caso, os chocolates — como a única coisa tangível em meio à incompletude do mundo.

Em *Tabacaria*, o poeta se vê imerso em uma angústia existencial profunda, uma busca interminável por sentido que acaba se confrontando com a banalidade do cotidiano. Um espaço aparentemente comum e sem importância torna-se o reflexo da experiência humana, um lugar onde a vida continua sem oferecer respostas, apenas uma sucessão de momentos sem significado. Campos procura encontrar algo além da realidade palpável, mas o que ele encontra é a limitação de sua própria condição.

Adília Lopes, por outro lado, propõe uma resposta bem diferente. Seu poema adota uma perspectiva muito mais leve e desprestenciosa. Ao sugerir que se escrevam poemas e se comam chocolates, a autora rejeita a busca incessante por significados complexos, abraçando a simplicidade e o prazer imediato da vida. A repetição do verbo "escreve" transmite uma ideia de ação simples, cotidiana, quase como um conselho carinhoso para aproveitar os pequenos prazeres da vida, sem a necessidade de grandes questionamentos existenciais.

Enquanto Álvaro de Campos se afunda em reflexões, de certo modo, pesadas sobre a existência, Adília Lopes parece sugerir que a poesia e a vida podem ser vividas de forma mais suave e sem tantas apreensões. Ela se apropria da ideia de que "não há mais metafísica no mundo senão chocolates" e a transforma em uma provocação mais positiva: se o mundo não oferece grandes respostas, que ao menos nos proporcione os prazeres simples do dia a dia, como o ato de comer chocolates e criar poemas.

Se, para Campos, a vida é algo que se desintegra em meio a uma reflexão existencial sem fim, para Lopes, a escrita pode ser uma forma de prazer imediato, sem as complicações de uma busca por um significado absoluto.

Além disso, a fragmentação do sujeito na obra de Adília Lopes pode ser analisada à luz da psicanálise, especialmente nas teorias de Sigmund Freud (*O Estranho*, 1919) e Jacques Lacan (*Escritos*, 1966). A maneira como sua poesia cria um "eu" descentrado e instável pode ser vista como uma resposta à crise da subjetividade moderna, um reflexo da fragmentação identitária em tempos de globalização e digitalização. No presente trabalho, porém, não avançaremos nesta linha.

3.3. Estratégias Poéticas de Fragmentação

A fragmentação na poesia de Adília Lopes ocorre em diferentes níveis: temático, estrutural e estilístico.

A oralidade e o minimalismo são estratégias fundamentais na obra de Adília Lopes, aproximando sua poesia da linguagem cotidiana e explorando a simplicidade aparente para subverter significados. Paul Zumthor, em *Performance, Recepção, Leitura* (1990), defende que a oralidade e a leitura performática oferecem novas dimensões à poesia, ampliando suas possibilidades de interpretação. Nesse sentido, a autora adota uma linguagem desprestenciosa e

próxima do discurso oral, mas que, ao contrário do que sugere sua forma acessível, revela múltiplos significados. Essa aparente simplicidade exige do leitor um engajamento ativo na construção de sentidos, desafiando expectativas e deslocando a experiência poética para um campo de instabilidade semântica.

A intertextualidade e a colagem são marcas recorrentes na produção de Lopes, que se apropria de referências literárias e culturais para desconstruir o conceito de originalidade e promover um jogo irônico com a tradição. Seu processo criativo envolve a reconfiguração de fragmentos textuais e a inserção de discursos alheios em um novo contexto, rompendo com a ideia de autoria fixa e valorizando a reescrita como forma de inovação. Essa prática intertextual, muitas vezes lúdica e subversiva, dialoga com diferentes registros culturais, tensionando os limites entre alta e baixa cultura e problematizando o papel do poeta enquanto criador absoluto de significados.

A autoficção e a identidade fluida também desempenham um papel central na poética de Adília Lopes, que fragmenta o eu poético e evoca o conceito de identidade em crise explorado por Julia Kristeva em *Estrangeiros para Nós Mesmos* (1994). Kristeva propõe a ideia do “estrangeiro dentro de si”, sugerindo uma identidade em constante transformação, atravessada por deslocamentos e rupturas. Essa perspectiva ressoa na obra de Adília Lopes, na qual o eu poético se reinventa continuamente, oscilando entre autobiografia e ficção, revelando uma subjetividade instável e permeada por contradições. Essa fragmentação intensifica a sensação de alienação e deslocamento, características marcantes de sua escrita.

A subversão da gramática e a estrutura não linear são elementos que reforçam essa instabilidade do eu poético na obra de Adília Lopes. A poeta utiliza quebras sintáticas, ambiguidades e descontinuidades narrativas para desestabilizar convenções linguísticas e desafiar o leitor. A fluidez estrutural de seus poemas rompe com uma organização lógica previsível, intensificando a sensação de desconexão e imprevisibilidade. Esse procedimento formal não apenas reflete o caráter fragmentário de sua poética, mas também potencializa a experiência de leitura, ao exigir que o leitor navegue pelos sentidos instáveis e multifacetados de seus textos.

A desconstrução da identidade e o jogo entre verdade e ficção na obra de Adília Lopes podem ser relacionados à teoria de Giorgio Agamben (*O Que Resta de Auschwitz*, 1998), que

discute os limites da linguagem e da representação. Ao tratar da limitação da linguagem em representar a experiência humana, o autor propõe a ideia de um ‘testemunho incompleto’. Essa noção se aplica à poesia de Adília Lopes, em que o sujeito poético se revela incompleto e fragmentado, com lacunas que sugerem a impossibilidade de uma identidade totalizadora.

O humor e a ironia na poesia de Adília Lopes não são apenas estratégias estilísticas, mas funcionam como uma forma de desestabilizar o eu lírico. Ao empregar um tom aparentemente ingênuo ou irreverente, a autora subverte as expectativas do leitor, expondo a instabilidade e as contradições da identidade. Essa abordagem pode ser vista como uma crítica à ideia de um eu fixo e bem definido, e ao mesmo tempo uma reflexão sobre os papéis sociais e literários impostos. Seu uso do riso se insere na tradição do cômico filosófico, como discutido por Henri Bergson (*O Riso*, 1900), e também no campo da crítica feminista, conforme abordado por Linda Hutcheon (*Teoria e política da Ironia*, 1994).

Sua poesia frequentemente assume um tom aparentemente ingênuo, apenas para subverter expectativas e expor contradições do discurso poético e social. Essa abordagem pode ser vista como uma forma de resistência, inserindo sua obra no debate sobre os limites da autoria e da identidade.

A relação entre humor, identidade e fragmentação também pode ser analisada à luz dos estudos de Mikhail Bakhtin (*A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, 1987), que discute o riso como um meio de transgressão das normas estabelecidas. Mikhail Bakhtin, ao estudar a cultura popular e o riso, sugere que o humor tem a capacidade de desestabilizar o poder e as estruturas fixas, oferecendo uma visão do mundo mais fluida e múltipla. Na obra de Adília Lopes, o uso do humor e da ironia pode ser visto como um instrumento de subversão, que quebra as convenções de identidade e linguagem. O riso, para Lopes, não é apenas um alívio, mas uma forma de resistência que desafia as normas sociais e literárias, criando um espaço para a fragmentação e a reconstrução do eu poético.

Por fim, o hibridismo e a fragmentação de sua poesia podem ser analisados à luz de José Saramago, especialmente em sua obra *A Bagagem do Viajante* (1996), livro em que Saramago explora a transformação e a fusão de gêneros literários, desafiando as convenções tradicionais e criando uma narrativa que transita entre diferentes formas e estilos, relacionando-se diretamente com as obras de Lopes.

CAPÍTULO 4: COMPARAÇÃO CRÍTICA: HETERONÍMIA E FRAGMENTAÇÃO DE IDENTIDADE

Este capítulo propõe uma análise comparativa entre as obras de Fernando Pessoa e Adília Lopes, destacando as estratégias literárias que abordam a multiplicação do eu poético e a fragmentação da identidade. A partir da heteronímia pessoana e da desconstrução do sujeito na poesia de Lopes, discutiremos como ambos os autores desafiam a ideia de identidade estável e fixa, propondo, em vez disso, uma visão fluida e fragmentada do ser. A comparação crítica entre essas abordagens oferece uma compreensão mais profunda das implicações estéticas e literárias da multiplicidade poética, revelando as diferentes formas de resistência contra as concepções tradicionais de autoria e identidade.

4.1. Comparação dos Conceitos de Identidade nos Dois Autores

Fernando Pessoa e Adília Lopes trabalham a identidade de maneiras distintas, mas ambas as abordagens resultam na desconstrução do sujeito poético. A heteronímia pessoana, amplamente estudada por Eduardo Lourenço (*O Labirinto da Saudade*, 1978) e Richard Zenith (*Pessoa: Uma Biografia*, 2022), cria personalidades distintas que coexistem como entidades autônomas, enquanto a poesia de Adília Lopes investe na fragmentação do eu, na autoficção e na ironia como estratégias de dissolução identitária.

No caso de Pessoa, a identidade se expande e multiplica em personalidades bem delineadas, como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, cada um com um estilo e visão de mundo próprios. Em contrapartida, Adília Lopes não cria heterônimos, mas um eu poético oscilante e fragmentado, que se constrói e se desconstrói a cada poema. Suas referências intertextuais, exploradas por Rosa Maria Martelo (*A luva e a mão (uma história de salvação)* (2019), reforçam essa instabilidade, propondo um sujeito que se reinventa constantemente.

A psicanálise também pode ser um ponto de interseção entre os dois autores. Se Pessoa exemplifica a multiplicidade do eu em termos de desdobramento da consciência (à luz de Carl Jung, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, 1959), Adília Lopes trabalha com a dissolução da subjetividade e a precariedade do eu à maneira de Jacques Lacan, *Escritos*, 1966), explorando os limites da linguagem na formação da identidade.

4.2. Temáticas Comuns e Abordagens Divergentes

Apesar de suas diferenças estilísticas e filosóficas, Pessoa e Adília Lopes compartilham temas comuns, como a busca pela identidade, o isolamento, a autoficção e a metalinguagem.

A identidade, na obra de ambos os autores, é concebida como uma construção fluida e ilusória, desprovida de coerência fixa e marcada pela multiplicidade. Pessoa questiona a unidade do sujeito por meio da heteronímia, criando uma galeria de personalidades literárias autônomas que se contradizem e se complementam, evidenciando a fragmentação do eu. Lopes, por sua vez, utiliza a autoficção para explorar a instabilidade da identidade, borrando as fronteiras entre biografia e invenção. Em sua poética, o eu se desfaz e se reconstrói continuamente, desafiando qualquer tentativa de fixação ou interpretação definitiva. Tanto Pessoa quanto Lopes, ainda que por caminhos distintos, exploram a identidade como um processo em devir, uma ilusão narrativa que se desdobra em múltiplas facetas.

A presença do cotidiano e da banalidade também se configuram como elementos centrais na poética de ambos os autores, mas com abordagens distintas. Pessoa, em suas diversas personas, oscila entre o sublime e o prosaico, sendo Álvaro de Campos o heterônimo que mais evidencia essa tensão. Em sua poesia, o mundano surge como um obstáculo à transcendência, manifestando o conflito entre a grandiosidade dos ideais e a trivialidade da existência. Adília Lopes, por outro lado, se apropria do banal de maneira mais íntima e subversiva, construindo um olhar poético que desafia as convenções da lírica tradicional. Sua escrita transforma elementos banais em matéria poética, redefinindo os limites do que pode ser considerado significativo dentro do discurso literário.

A ironia e o humor desempenham um papel crucial na obra de ambos os autores, mas com diferentes nuances. Com Pessoa, especialmente em seus heterônimos, a ironia opera como um mecanismo de reflexão sobre a impossibilidade de encontrar um sentido absoluto na existência. Sua multiplicidade poética e as contradições entre seus “eus” evidenciam uma postura cética diante da verdade e da unidade do sujeito. Já com Adília Lopes, a ironia assume um caráter mais subversivo e crítico, funcionando como um instrumento de contestação das normas sociais e das construções identitárias. Sua escrita desconstrói discursos patriarcais e questiona convenções impostas à subjetividade feminina, como analisa Joana Matos Frias (*A*

Ironia na Poesia Portuguesa Contemporânea, 2011). Em sua poética, o humor e a ironia não são apenas estratégias estilísticas, mas também formas de resistência e reinvenção discursiva.

A temática do amor e da solidão também perpassam a obra de Pessoa e Lopes, embora com perspectivas contrastantes. Em Pessoa, o amor frequentemente surge como um ideal inatingível, refletindo sua busca por uma verdade metafísica que está sempre além do alcance humano. Essa idealização amorosa acaba por condenar o eu poético à solidão, que se apresenta como uma consequência inevitável de seu desejo por um absoluto inatingível. Adília Lopes, por outro lado, desmistifica o amor, oferecendo uma visão desencantada das relações afetivas. Sua poesia expõe a precariedade e as contradições do amor romântico, distanciando-se das narrativas convencionais que o vinculam à plenitude ou à realização pessoal. Em ambas as poéticas, a solidão se manifesta como um elemento central, mas enquanto em Pessoa ela é um destino trágico da idealização amorosa, em Lopes, ela se impõe como um dado concreto da experiência, frequentemente atravessado por uma nota de ironia e desencanto.

4.3. Implicações Literárias e Filosóficas da Multiplicidade Poética

A multiplicação do eu poético em Fernando Pessoa e a fragmentação da identidade em Adília Lopes não se limitam apenas à esfera literária. Ambas as abordagens oferecem implicações filosóficas e teóricas fundamentais que reverberam nas questões contemporâneas sobre a identidade, a autoria e a linguagem. A multiplicidade e a fragmentação do eu poético, evidentes nas obras de ambos, se inserem em um debate mais amplo sobre a fluidez identitária, a dissolução do sujeito e as possibilidades da literatura moderna e contemporânea.

4.3.1 A Crise da Identidade Moderna: Pessoa e Adília Lopes diante da Fluidez Identitária

A noção de identidade fixa e coerente é amplamente questionada na obra de Fernando Pessoa e Adília Lopes, como já destacado neste trabalho anteriormente, porém, além da questão identitária, a obra de Pessoa e Adília Lopes também desafia a noção tradicional de autoria. Pessoa desconstrói o conceito clássico de autor ao criar heterônimos que não são meros pseudônimos, mas sim personalidades literárias autônomas, cada uma com um estilo, uma biografia e uma visão de mundo próprias. Esse artifício desloca a autoria para um espaço

múltiplo, tornando o autor não uma figura única e central, mas uma construção fluida e descentralizada.

Essa abordagem antecipa as reflexões de Roland Barthes, com o ensaio “*A morte do autor*” (*O rumor da língua*, 1988, P.67), que defende que a interpretação da obra deve se basear no texto em si, e não na intenção do autor, pois a obra deixa de ser dele “(...) a linguagem conhece um “sujeito”, não uma “pessoa”, e esse sujeito, vazio fora da enunciação que o define, basta para “sustentar” a linguagem, isto é, para exauri-la.”

Adília Lopes também tensiona a noção de autoria, mas por meio de estratégias distintas. Sua poesia recorre amplamente à intertextualidade e à colagem literária, apropriando-se de referências culturais, literárias e até mesmo do discurso cotidiano. Esse processo desestabiliza a ideia de originalidade, inserindo sua obra em um campo de recombinação e recontextualização contínuas. A autora não reivindica um lugar de autoridade sobre seus textos, mas, ao contrário, assume a literatura como um espaço de fluxos e deslocamentos, nos quais a autoria se dissolve em múltiplas vozes. Sua escrita se insere, assim, no debate pós-moderno sobre a autoria como um conceito descentralizado, em que a obra se constrói a partir da relação entre textos, memórias e leituras, esvaziando a noção de um sujeito criador único e fixo.

Para os dois autores, a linguagem não é apenas um veículo de expressão, mas o próprio espaço onde a identidade se fragmenta e se reinventa. Pessoa desdobra o “eu” em heterônimos, cada um com sua linguagem própria, revelando que o sujeito é uma construção discursiva, nunca fixa. Jerónimo Pizarro, em *Ler Pessoa* (2013), destaca que a criação dos heterônimos não é meramente um artifício literário, mas uma manifestação da fragmentação da identidade moderna, onde cada heterônimo representa uma faceta distinta do autor. Essa multiplicidade de vozes evidencia que a identidade é uma construção fluida e multifacetada, constantemente em negociação.

Embora sua análise se concentre na obra de Pessoa, suas reflexões podem ser estendidas a outros autores que exploram a desconstrução do sujeito em sua escrita. Adília Lopes radicaliza essa desestabilização: sua poesia, marcada por frases curtas, ambiguidades e rupturas sintáticas, dissolve qualquer ilusão de unidade subjetiva. Sua obra desafia a noção de uma identidade fixa, alinhando-se às discussões sobre a multiplicidade do eu presentes nos estudos de Pizarro sobre Pessoa. Assim, tanto em Pessoa quanto em Lopes, a linguagem se torna um campo de forças

onde a identidade não se afirma, mas se desfaz—resistindo a categorizações e expondo a precariedade do sujeito contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo desta pesquisa, buscou-se analisar a multiplicidade poética em Fernando Pessoa e Adília Lopes, enfatizando como a heteronímia e a fragmentação da identidade se configuram como estratégias literárias essenciais para a construção de suas obras. Ainda que pertencentes a momentos históricos distintos e possuam abordagens poéticas diferentes, partilham uma profunda inquietação com a noção de identidade e autoria, desafiando as concepções tradicionais da subjetividade na literatura.

Fernando Pessoa, um dos maiores nomes da literatura universal, revolucionou a ideia de autoria ao criar um sistema heteronímico complexo, no qual cada identidade literária ganha autonomia, voz e perspectivas filosóficas distintas. Sua obra transcende os limites da poesia ao incorporar múltiplos estilos, temas e ideologias, o que confere um caráter inédito e singular à sua produção. Através de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares, Pessoa não apenas dramatiza as contradições da existência humana, mas também propõe uma reflexão profunda sobre a fluidez da identidade e a fragmentação do sujeito moderno. Sua poesia, portanto, não é vista apenas como um experimento literário, mas como um campo de questionamento existencial e filosófico que permanece atual e instigante.

Por outro lado, Adília Lopes insere-se em um contexto literário marcado pela desconstrução dos grandes relatos e pela valorização da fragmentação como forma de expressão. Sua poesia, fortemente influenciada pelo pós-modernismo, rompe com as expectativas formais da lírica ao integrar elementos da cultura popular, da oralidade, do humor e do absurdo. Adília não cria heterônimos no sentido pessoano, mas sua obra se caracteriza por um eu-lírico instável, permeado por múltiplas referências e registros linguísticos que desmontam a ideia de uma subjetividade fixa. As diversas camadas pessoais presentes na obra da autora trazem essa aproximação com o leitor: pela semelhança. Seu trabalho não apenas amplia os horizontes da poesia contemporânea, como também desafia as normas da tradição literária ao introduzir temas considerados menores, triviais ou marginais, conferindo-lhes um estatuto poético.

A análise comparativa entre os dois autores evidencia como a multiplicidade poética se manifesta de formas distintas, mas igualmente significativas. Pessoa adota um método estruturado para explorar a fragmentação da identidade, criando um sistema que, apesar de

diverso, mantém uma coerência interna e uma lógica própria. Adília Lopes, em contrapartida, aposta na ruptura da linearidade e na desconstrução da autoria, trazendo à tona uma poesia que se recusa a oferecer respostas definitivas e que se reinventa a cada novo poema. Essa diferença reflete não apenas escolhas estéticas individuais, mas também os contextos históricos e filosóficos nos quais cada autor está inserido.

Além de sua relevância estética, a obra de Adília Lopes tem um impacto significativo na representatividade feminina na literatura. Em um campo historicamente dominado por vozes masculinas, sua poesia subverte padrões e amplia os espaços de fala das mulheres ao rejeitar modelos preestabelecidos e ao incorporar experiências femininas de maneira crítica e irônica. O eu-lírico de Adília, por vezes vulnerável, por vezes provocador, desafia as representações convencionais da mulher na literatura, explorando questões de gênero, corpo, sexualidade e marginalização. Ao fazê-lo, sua obra se insere em um debate mais amplo sobre a desconstrução de papéis sociais e sobre o direito das mulheres à experimentação literária sem as amarras da tradição patriarcal.

Dessa forma, esta pesquisa reforça a importância de Fernando Pessoa e Adília Lopes como dois dos nomes mais instigantes da literatura portuguesa, cada um a sua maneira expandindo os limites da subjetividade poética e da autoria. O estudo de suas obras não apenas ilumina novas formas de entender a identidade e a multiplicidade no discurso literário, mas também contribui para uma reflexão mais ampla sobre o papel da literatura na construção de novas subjetividades.

A heteronímia pessoana e a fragmentação adiliana, ainda que divergentes em seus modos de operação, compartilham um mesmo impulso criativo: o desejo de explorar as inúmeras possibilidades do ser e de questionar as fronteiras entre ficção e realidade, literatura e vida, unidade e dispersão. Ambas as obras demonstram que a identidade não é um conceito estático, mas um processo contínuo de desconstrução e reconstrução, aberto às incertezas e ao suceder.

Assim, espera-se que esta monografia contribua para um debate mais aprofundado sobre a identidade na literatura, sobre a pluralidade de vozes que compõem o eu poético e sobre o impacto da fragmentação na construção das subjetividades contemporâneas. Tanto Pessoa quanto Adília Lopes nos lembram que a literatura é, em última instância, um espaço de

liberdade – um campo onde as fronteiras do eu podem ser expandidas, reinventadas e até mesmo dissolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Disponível em: https://topofilosofia.net/pesquisa/psicanalise/PDFs_Topologia/Agamben/AGAMBEN.%20O%20que%20resta%20de%20Auschwitz.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

AMADO, Lourenço. *Revisitado*. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/51d2b64ae4b0a433e9c0c726/t/5bb36da2652dea24a4e4b94d/1538485667499/Amado_Louren%C3%A7o_Revisitado_n_5.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*.

BARTHES, Roland. *A morte do autor*. Disponível em: <http://tpleitura.pbworks.com/w/file/118153434/Roland%20Barthes%20A%20Morte%20do%20Autor.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Disponível em: <https://archive.org/details/bauman-modernidade-liquida>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BARR, Paul. *Palavra transversal*. Disponível em: <https://archive.org/details/palavratransvers0000barr/page/n221/mode/2up>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BASTAZIN, Vera. *José Saramago: hibridismo e transformação dos gêneros literários*.

CORREIA, Arlindo. *As armas desarmantes de Adília Lopes*. Disponível em: https://www.arlindo-correia.com/adilia_lopes_fria.html. Acesso em: 16 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Disponível em: https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/foucault_m_o_que_e_um_autor_.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

FREUD, Sigmund. *O ego e o id*.

FREUD, Sigmund. *O estranho*.

GUSMÃO, Manoel. *A ficção do eu na poesia moderna*.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Disponível em: https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/449941/mod_resource/content/1/LHutcheon-Poetica-do-pos-modernismoM.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

HUTCHEON, Linda. *Política do pós-modernismo*.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Disponível em: <https://archive.org/details/jameson-f.-pos-modernismo.-a-logica-cultural-do-capitalismo-tardio>. Acesso em: 16 jul. 2025.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Disponível em: https://www.ijusc.com.br/wp-content/uploads/2021/06/91_jung_os_arquetipos_e_o_inconsciente_coletivo.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*.

LACAN, Jacques. *Escritos*.

LOPES, Adília. *Aqui estão as minhas contas*.

LOURENÇO, Eduardo. *Labirinto da saudade*. Disponível em: https://narrativaportuguesa1.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/08/o_labirinto_da_saudade_eduardo_lourenco-1.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*.

PAZ, Octavio. *O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa*. Disponível em: https://relerpoeticas.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/06/octavio_paz_o_desconhecido_de_si_mesmo_f_opt.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*.

PEDROSA, Célia. *Releituras da tradição na poesia de Adília Lopes*.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. Disponível em: <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/perrone-moises-leyla-altas-literaturas.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. Disponível em: https://letra.ffiich.usp.br/sites/letra.ffiich.usp.br/files/inline-files/Leyla%20Perrone-Moise%CC%81s%20-%20Mutac%CC%A7o%CC%83es%20da%20literatura%20no%20se%CC%81culo%20XXI-Companhia%20das%20Letras%20%282016%29_0.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa*.

PIZARRO, Jerónimo. *Ler Pessoa*.

PIZARRO, Jerónimo. *Pessoa existe?*

RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duíno*. Disponível em: https://uploads.worldlibrary.net/uploads/pdf/20121103015056rilkepdf_pdf.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*.

SILVA, Rosane da. *Análise de discurso poético: Pessoa e Adília Lopes*. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/31188/24807>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VEREDAS. *De espelhos e demônios: a poesia de Adília Lopes e o Imaginário Europeu*. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/330/327>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ZENITH, Richard; CABRAL, Carlos. *Teoria da heteronímia*.

ZENITH, Richard. *Pessoa: uma biografia*.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Disponível em: https://www.academia.edu/37234103/ZUMTHOR_Paul_Performance_recepcao_leitura. Acesso em: 16 jul. 2025.